

Número 2 - Enero/Junio 2018

MAHPAT

ISSN 0719 - 7365

MUSEOLOGÍA / ARTE / HISTORIA / PATRIMONIO / ARQUITECTURA / TURISMO



EDITORIAL CUADERNOS DE SOFÍA

SANTIAGO — CHILE

CUERPO DIRECTIVO

Directora
Carolina Cabezas Cáceres
Universidad de Las Américas, Chile

Editor
Juan Guillermo Estay Sepúlveda
Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Cuerpo Asistente

Traductora: Inglés
Lic. Pauline Corthon Escudero
Editorial Cuadernos de Sofía, Chile e

Traductora: Portugués
Lic. Elaine Cristina Pereira Menegón
Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Portada
Felipe Maximiliano Estay Guerrero
Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

COMITÉ EDITORIAL

Dra. Giuliana Borea Labarthe
University of New York, Estados Unidos

Dr. José Manuel González Freire
Universidad de Colima, México

Mg. Mario Lagomarsino Montoya
Universidad de Valparaíso, Chile

Lic. Luis Grau Lobos
Director Museo León, España

Dr. Caryl Lopes
Universidad Federal Santa María, Brasil

COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL

Dra. María Luisa Bellido Gant
Universidad de Granada, España

Dra. María Bolaños Atienza
Universidad de Valladolid, España
Directora Museo de Escultura, España

Ph. D. Ricardo Camarena Castellanos
University of Ottawa, Canadá

Dra. Concepción García Sáiz
Directora Museo de América, España

Ph. D. Yudhishtir Raj Isar
University of Western Sydney, Australia
The American University of Paris, Francia

MADIPAT

CUADERNOS DE SOFÍA
EDITORIAL

Ph. D. Kirstin Kennedy

Victoria and Albert Museum, Inglaterra

Ph. D. Massimo Negri

*Director di European Museum Academy,
Países Bajos*

Dr. Giovanni Pinna

*Director Museo di Storia Naturale di Milano,
Italia*

*Director de la Associazione Italiana si Studi
Museologici, Italia*

Indización

Revista MAHPAT, se encuentra indizada en:



ISSN 0719-7365 – Publicación Semestral / Número 2 / Enero – Junio 2018 pp. 15-24

**ATIVIDADES ARTÍSTICAS MEDIANDO O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS CEGAS:
UM ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO ESPECIAL, EM CAMPINA GRANDE, PARAÍBA, BRASIL**

**ARTISTIC ACTIVITIES MEASURING THE DEVELOPMENT OF BLIND CHILDREN:
A STUDY IN A SPECIAL INSTITUTION, IN CAMPINA GRANDE, PARAÍBA, BRAZIL**

Lic. Nely Gonçalves de Queirós
Universidade Estadual da Paraíba, Brasil
nelyqueiros@gmail.com

Dr. Eduardo Gomes Onofre
Universidade Estadual da Paraíba, Brasil
eduonofre@gmail.com

Ma. Vanessa Porto Alexandrino
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
vanesacruz.psic@gmail.com

Fecha de Recepción: 30 de enero de 2018 – **Fecha Revisión:** 26 de febrero de 2018

Fecha de Aceptación: 28 abril de 2018 – **Fecha de Publicación:** 01 de junio de 2018

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal discutir a importância da mediação de atividades artísticas no desenvolvimento de crianças cegas. Adotamos uma abordagem qualitativa e utilizamos a observação participante como instrumento metodológico. As observações foram realizadas em cinco encontros, no período de 26 de setembro à 19 de outubro de 2016, no Instituto dos Cegos de Campina Grande, Paraíba, Brasil. Participaram do presente estudo quatro crianças cegas, na faixa etária de 3 e 5 anos. Os resultados demonstraram que atividades artísticas promovem o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor nas crianças cegas. Portanto, o ensino, utilizando atividades artísticas, não deve ser negado às crianças cegas, pois essas crianças são capazes de aprender, reproduzir e criar através dos demais sentidos remanescentes: o tato, o olfato, o paladar e a audição.

Palavras-Chave

Educação Infantil – Atividades artísticas – Cegos

Abstract

The main objective of this article is to discuss the importance of the mediation of artistic activities in the development of blind children. We adopted a qualitative approach and used participant observation as a methodological instrument. The observations were made in five meetings, from September 26 to October 19, 2016, at the Institute of the Blind in Campina Grande, Paraíba, Brazil. Four blind children, aged 3 and 5 years, participated in the study. The results showed that artistic

Atividades artísticas mediando o desenvolvimento de crianças cegas: um estudo em uma instituição especial, em Campina... pág. 16

activities promote cognitive, affective, social and psychomotor development in blind children. Therefore, the education using artistic activities should not be denied to blind children, as these children are able to learn, reproduce and create through the remaining senses: touch, smell, taste and hearing.

Keywords

Child Education – Artistic activities – Blind

Para Citar este Artículo:

Queiros, Nely Gonçalves de; Onofre, Eduardo Gomes y Alexandrino, Vanessa Porto. Atividades artísticas mediando o desenvolvimento de crianças cegas: um estudo em uma instituição especial, em Campina Grande, Paraíba, Brasil. Revista MAHPAT num 2 (2018): 15-24.

Introdução

As atividades artísticas levam o sujeitos a criar, reproduzir e expressar seus medos, alegrias e talentos, interagindo, assim, com o mundo e os outros. As atividades artísticas podem ser representadas através de várias formas, como pintura, desenho, música, teatro e dança. No contexto educacional, especificamente na Educação Infantil, as atividades artísticas se apresentam como elementos fundamentais que promovem o desenvolvimento, assim como o processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência ou não. Entretanto, crianças com deficiência visual, cegas ou baixa visão, só realizam atividades artísticas quando passam a frequentar a escola ou instituições especiais, pois muitos pais ou responsáveis percebem as atividades artísticas como facilitadoras do processo de ensino e aprendizagem apenas de criançasvidentes.

Trabalhar com atividades artísticas nas diversas disciplinas escolares, certamente, facilitará o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor de crianças com deficiência. No caso da criança com deficiência visual, essa utiliza os sentidos da audição, tato, olfato e paladar para apreciar e desenvolver as atividades artísticas. Pois, a deficiência visual é o comprometimento parcial ou total da visão, de um ou ambos os olhos. A criança vidente desenvolve suas habilidades imitando, reproduzindo o que vê, diferente da criança cega. Essas possuem condições diferenciadas das criançasvidentes, em relação à interação com o mundo e os outros (brincar, correr, participar de jogos digitais ou manuais, pintar, dramatizar, entre outros). Os educadores precisam despertar nas crianças cegas seu desejo de conhecer o seu corpo e descobrir o mundo que está em sua entorno. De acordo com Brasil¹:

O processo de aprendizagem dos alunos cegos se faz a partir dos sentidos remanescentes (tato, audição, olfato e paladar) exigindo o uso de brinquedos e materiais que facilitem a discriminação do tamanho, textura, volume, peso, identificação de sons, desenvolvimento da consciência corporal (despertando a curiosidade, a vontade e a coragem para movimentar-se e participar em atividades coletivas, tanto com autonomia quanto com a ajuda e apoio dos colegas).

Assim, dizemos que a escola deve ser um ambiente que favorece a interação e o desenvolvimento de alunos cegos, a partir de vivências que estimulem a audição e o tato. As crianças cegas precisam da mediação dos educadores e dos familiares para desenvolver suas atividades artísticas e de interação com o mundo e com os outros, por meio do tato, da linguagem oral e de outras estratégias não visuais. As criançasvidentes são inseridas no mundo do letramento muito antes de entrar na escola, ao ver a escrita em livros, no mundo virtual e em muitos outros objetos didáticos ou não. Já a criança cega apropria-se da escrita pelo sistema braile e pelos leitores de tela instalados nos computadores. Na maioria das vezes, o primeiro contato com esses dois processos de acesso à escrita somente acontece na escola ou em uma instituição especial. Segundo Sant'Anna et al², é imperativo aumentar-se o número de professores em sala e o investimento para subsidiar a Formação Continuada em Serviço, viabilizando ao

¹ Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação Inclusiva / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional (Brasília: MEC, SEB, 2014), 38.

² Maria Madalena Moraes Sant'Anna et al., Desafios dos professores na mediação das brincadeiras de crianças com necessidades educacionais especiais na educação infantil. Revista Portuguesa de Educação, Vol: 31 num 2 (2018): 111.

professor conhecer as especificidades de cada criança em relação à sua deficiência, ampliando as chances de melhorar as estratégias para a sua participação nas brincadeiras propostas na Educação Infantil.

Desde muito cedo, antes mesmo de frequentar a escola, as crianças videntes já realizam atividades de desenhar e pintar. Já para as crianças cegas, esses tipos de atividades, frequentemente, só lhes são oportunizadas no ambiente escolar, pois, na maioria dos casos, a família ou responsável não tem o entendimento de que uma criança cega é capaz de desenhar, pintar, dramatizar e criar. Quando não se conhecem as habilidades que as crianças cegas podem desenvolver, familiares e educadores das crianças cegas consideram as atividades artísticas exclusivas de crianças videntes.

Os educadores e familiares devem proporcionar atividades de artes para as crianças cegas, pois a ausência da visão, não os impedem de se interagir com o mundo e outros. Para Gil³ “as mãos são os olhos das pessoas com deficiência visual. O uso das mãos como instrumento de percepção deve ser intensamente estimulado, incentivado e aprimorado”.

Criações artísticas em relevo, utilizando tintas e/ou borrachas ou adaptadas com linhas de contorno táteis, são algumas possibilidades que podem ser utilizadas para que os alunos cegos ou com baixa visão compreendam imagens, em conjunto com a mediação da descrição verbal.

Os alunos cegos podem fazer desenhos em papel ofício, cartolina, madeira, telas, entre outros; utilizando lápis comum, hidrocor, giz de cera, etc. Podem fazer também desenhos com cola e depois colocar areia, glíter ou missangas sobre a cola para que o desenho fique em alto relevo. Quanto a pintura, pode ser feita com os dedos, pincel, lápis de pintura, giz de cera ou esponja. Para Pereira e Costa⁴,

(...) O uso das tintas em uma superfície pode gerar trabalhos surpreendentes. Talvez o professor possa se perguntar, “Por que eu daria tintas para meus alunos que não enxergam?” Ora, as tintas têm uma textura, têm temperatura, têm cheiro. Com as cores, mesmo sem enxergar, eles podem fazer combinações conforme a sua criatividade e conhecimento. Não se pode omitir informações, mesmo que sejam abstratas, aos cegos, porque eles estão convivendo num mundo predominantemente visual, onde a sua casa tem uma cor, suas roupas, seus móveis, suas louças, enfim tudo na vida é cor, é forma. Ele pode não conhecer as cores como os que enxergam as conhecem, mas pode combiná-las de modo adequado conforme a sua cultura e com isto se inserir cada vez mais na sua sociedade.

As atividades artísticas são muito importantes na vida de todas as crianças, sendo um instrumento de mediação indispensável na educação, principalmente para o processo de ensino e aprendizagem de crianças com necessidades educacionais especiais, a exemplo da criança cega que necessita de um atendimento educacional especializado para melhor assimilar os conteúdos trabalhados em sala de aula.

³ Marta Gil, Deficiência visual (Brasília: MEC - Secretaria de Educação à distância, 2000), 5.

⁴ Josefa Lídia Costa Pereira e Maria da Piedade da Costa, “O aluno com deficiência visual em sala de aula: informações gerais para professores de artes”, Revista Eletrônica de Educação. Vol: 3 num 1 (2009): 97.

Ensinar atividades artísticas nas escolas é uma forma de trabalhar o lúdico, a imaginação que vai despertar o prazer em criar e o desejo de aprender e ensinar, diferentemente de um ensino tradicional, que se limita a reprodução de informações, sem uma participação efetiva das crianças. O ensino que não prioriza a interação entre todos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, torna as aulas cansativas e desinteressantes.

Os alunos com necessidades educacionais especiais devem ser estimados a desenvolver atividades artísticas, uma vez que, por meio dessas, esses alunos podem desenvolver nos aspectos cognitivos, afetivos, sociais e psicomotor. Atividades artísticas proporcionam experiências visuais, táteis, sonoras e estéticas, dando ao sujeito a capacidade de produzir, criar ou inventar coisas novas, assim como a capacidade de modificar situações e de perceber o mundo e os outros.

Metodologia

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, que segundo Rodrigues⁵ é uma pesquisa descritiva, na qual as informações obtidas não podem ser quantificadas. Os dados obtidos são analisados, e a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo da pesquisa.

O instrumento metodológico dessa investigação foi a observação participante. Para Lüdke e André⁶,

Os trabalhos de observação participante têm sua tradição na antropologia e na sociologia, disciplinas que cederam emprestado a técnica ao campo da pesquisa educacional. A observação participante combina simultaneamente a análise documental, (...) a participação e observação direta e a introspecção. Consequentemente, é um tipo de estratégia que pressupõe um grande envolvimento do pesquisador na situação estudada.

A observação participante foi realizada no período de 26 de setembro à 19 de outubro de 2016, no horário de 13h30m às 17h00, no Instituto dos Cegos de Campina Grande, Paraíba, Brasil. Nesse período foram realizados cinco encontros.

As atividades artísticas foram desenvolvidas a partir de um projeto intitulado “Os cabelos de Lelê”, que teve por objetivo principal abordar a questão das diferenças, enfatizando a importância e a necessidade de respeitar o mundo e os outros. Nesse projeto, desenvolvemos atividades lúdicas, como contação de história, música, rodas de conversa, quebra cabeça, jogo da memória, confecção de bonecos com massinha de modelar, entre outras. As atividades foram registradas por meio de fotografias e diário de campo.

Os participantes da presente pesquisa foram 4 crianças cegas, na faixa etária de 3 e 5 anos. Uma dessas crianças possui cegueira adquirida e as demais possuem cegueira congênita.

⁵ Rodrigues, Willian Costa, Metodologia científica (Paracambi: FAETEC/IST, 2007).

⁶ Lüdke, Menga e André, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas (São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986), 45.

A análise dos resultados foi fundamentada, sobretudo nos pressupostos da educação especial na perspectiva inclusiva e do ensino de atividades artísticas, tendo como base as contribuições oferecidas por Lev S. Vygotsky e pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

Apresentação e discussão dos dados

As atividades, realizadas na presente pesquisa, foram desenvolvidas de forma coletiva e individual com as crianças, de acordo com a rotina estabelecida na instituição participante desse estudo.

Dia 26/09/2016

No 1º momento, desenvolvemos a seguinte atividade: acolhida das crianças com a música “Como é bom ser diferente”. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil “(...) a linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social”⁷. Após ouvi-la, as crianças citaram as diferenças apresentadas na música. Em seguida, se apresentaram e falaram de suas preferências: do que gostam de fazer, de comer, de vestir e de brincar.

Posteriormente, utilizamos uma caixa surpresa contendo uma boneca, para a contação da história “Os cabelos de Lelê”. As crianças manusearam a caixa e citaram diversos objetos e alimentos que poderiam conter dentro dessa caixa. Ao abrir a caixa, as crianças ficaram surpresas de encontrar uma boneca. Algumas reagiram com naturalidade ao fazer o conhecimento, através do tato, dos cabelos crespos da boneca, outras agiram com indiferença e desprezo, afirmando ser um cabelo feio. Para Vygotsky “a primeira forma de ligação da imaginação com a realidade consiste no facto de que qualquer criação da imaginação é elaborada a partir de elementos tomados da realidade e retirados da experiência anterior do homem”⁸.

A atitude apresentada por duas crianças de não aceitar o outro como ele é, pode ter sido construída a partir das relações estabelecidas na família, na escola e/ou na sociedade, que transmitem essa postura à criança, que inconscientemente reproduz o que aprendeu, o que vivencia. De acordo com o RCNEI “para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem”⁹.

A história “Os cabelos de Lelê” fala de uma linda menina afrodescendente, de cabelos crespos, que não aceitava o cabelo que tinha. Ela afirmava que era feio e desarrumado o tempo todo. Mas no final da história, ela se aceitou como era e entendeu que todos são diferentes. A partir dessa história, as crianças assimilaram os ensinamentos de respeito ao “outro”, levando-os para a sua vida e demonstrando-os através das suas atitudes. Através das representações e construções simbólicas, as

⁷ Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental (Brasília: MEC/SEF, 1998), 49.

⁸ Lev Semenovitch Vygotsky, Imaginação e criatividade na infância (Portugal: Dinalivro, 2012), 30.

⁹ Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental (Brasília: MEC/SEF, 1998), 41.

histórias infantis favorecem o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças. Referindo à discussão sobre uma literatura que venha a abordar a valorização da cultura afro-brasileira, também propiciará uma reflexão sobre a desigualdade social e o racismo que ainda, infelizmente, estão fortemente presentes na sociedade brasileira.

As crianças só tomaram conhecimento da história “Os cabelos de Lelê” nesse dia, e essa história foi capaz de possibilitar uma relação de prazer das crianças com a leitura. Quanto a prática de ouvir e contar histórias, Kaercher afirma “(...) quanto mais acentuarmos no dia-a-dia da Escola Infantil estes momentos, mais estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura uma fonte de prazer e divertimento¹⁰”.

Dia 28/09/2016

Iniciamos com a seguinte atividade: acolhida das crianças com a música “Como é bom ser diferente” e em seguida as crianças recontaram a história de Lelê, socializando os conhecimentos adquiridos e ampliando a contação da história com sua imaginação e criatividade. Permitir que as crianças ouçam e recontem histórias é importante para despertar o interesse pela leitura. Depois, montaram um quebra cabeça em E.V.A¹¹ do corpo da boneca, que desenvolveu nas crianças a atenção, a coordenação motora, assim como propiciou aprendizagens, como conhecimento de texturas, formatos e tamanhos.

As crianças devem, sempre, se sentir livres para se expressarem, questionarem, apresentarem seus conhecimentos de mundo, e suas colocações devem ser valorizadas, e receber a atenção dos familiares e educadores. “Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da Educação Infantil e de seus profissionais”¹².

Para garantir o interesse das crianças pelas atividades e a satisfação das mesmas em fazer parte desse âmbito escolar, os educadores devem utilizar metodologias diversificadas, atividades lúdicas, a exemplo dos jogos, e meios inovadores, que favoreçam o desenvolvimento das crianças, no aspecto cognitivo, social, afetivo e psicomotor. Segundo Lev S. Vygotsky “na primeira infância encontramos processos criativos que se manifestam sobretudo nos jogos”¹³. Consoante o pensamento de Vygotsky, os estudos de Vanessa da Cruz Alexandrino e Fabíola Braz Aquino afirmam que a maioria das professoras da educação infantil percebe o desenvolvimento infantil a partir das situações de brincadeira nas quais se engajam as crianças¹⁴.

¹⁰ Gládis E. Kaercher, E por falar em Literatura. In: Craidy, Carmem Maria; Kaercher, Gladis Elise P. da Silva. Educação Infantil: Pra que te quero? (Porto Alegre: ARTMED, 2001), 82.

¹¹ A expressão E.V.A deriva do inglês Ethylene, Vinyl e Acetate que significa um processo que mistura Etil, Vinil e Acetato resultando em uma placa emborrachada.

¹² Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental (Brasília: MEC/SEF, 1998), 21

¹³ Vygotsky, Lev Semenovitch, Imaginação e criatividade na infância (Portugal: Dinalivro, 2012) 26.

¹⁴ Vanessa da Cruz Alexandrino; Fabíola de Sousa Braz Aquino, “Análise das concepções de profissionais da educação sobre o desenvolvimento infantil: um estudo em creches de uma cidade da Paraíba – Brasil”, Revista Portuguesa de Educação. Vol: 31 num 2 (2018): 95.

Dia 29/09/2016

Iniciamos a aula acolhendo as crianças com a música “Como é bom ser diferente”. Apresentamos os amigos de Lelê (um boneco e uma boneca) e pedimos para que as crianças nomeassem. Os nomes dados foram João Pedro e Ana Cibele. Permitir que elas nomeassem os bonecos contribuiu para o entendimento das crianças de que o nome é uma característica própria do sujeito, faz parte de sua identidade. Em seguida, as crianças identificaram as diferenças encontradas entre os três bonecos, como cabelos, roupas, acessórios, ausência de um braço em um personagem, entre outras.

Essa atividade foi muito significativa, pois fez com que as crianças compreendessem que cada pessoa é única e diferente, quer seja no modo de se vestir, na cor da pele, no cabelo ou no aspecto físico. Durante essa atividade, explicamos que somos diferentes no modo de ser, mas enquanto sujeito de direitos, todos são iguais. De acordo com o RCNEI “nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem”¹⁵.

Dia 17/10/2016

Nesse quarto dia de observamos, iniciamos nossas atividades, mais uma vez, acolhendo as crianças com a música “Como é bom ser diferente”. Em seguida, as crianças compararam o tamanho dos bonecos que tinham construídos no encontra anterior. Posteriormente, medimos as crianças na parede para que elas conhecessem sua própria altura e a altura dos colegas. Logo após, distribuímos massinhas de modelar para que fizessem bonecos e comparassem os tamanhos. Essas atividades foram importantes, pois permitiram que as crianças conhecessem a altura dos colegas, e relacionassem conceitos básicos do campo da matemática, como: alto, baixo, maior e menor. Para Fernandes¹⁶ “é preciso reconhecemos que existem várias formas de fazer matemática e cabe a nós, educadores, buscar a mais adequada para atender às particularidades dos nossos alunos. Nosso foco deve ser o que os aprendizes podem fazer e não o que os limita ou o que eles não podem fazer”.

Conversa informal, desenho, pintura, contação de histórias, músicas, jogos e materiais lúdicos (manuais ou digitais) devem fazer parte das aulas de matemática. A utilização de atividades artísticas nas aulas de matemática propiciará aulas dinâmicas e prazerosas. Ainda citando Fernandes¹⁷ “a matemática pode ser explorada como um espaço compartilhado, modificando a forma como essa disciplina é percebida, ensinada e aprendida. Para estruturar este ambiente, precisávamos de ferramentas (materiais e/ou tecnológicas), atividades e práticas interacionais.

Compreendemos que as crianças gostam de desenvolver atividades artísticas e, por meio destas, interagem constantemente com os coleguinhas e educadores, a fim de adquirir novos conhecimentos.

¹⁵ Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental (Brasília: MEC/SEF, 1998), 21.

¹⁶ Solange Hassan Ahmad Ali Fernandes, “Educação Matemática inclusiva: adaptação x construção”, Revista Educação Inclusiva – REIN Vol: 1 num 1 (2017): 91.

¹⁷ Solange Hassan Ahmad Ali Fernandes, “Educação Matemática inclusiva... 86.

Dia 19/10/2016

Iniciamos a aula, da mesma maneira que as anteriores, com a seguinte atividade: acolhida das crianças com a música “Como é bom ser diferente”. Em seguida, as crianças brincaram com um jogo da memória (feito com E.V.A e diferentes tipos de cabelos), para encontrar a peça que correspondia aos cabelos de Lelê. Para Vygotsky¹⁸ “o mais importante no jogo não é o prazer que a criança obtém ao jogar, mas a utilização objetiva e o significado objetivo do jogo, do qual a própria criança não se apercebe”. Depois, confeccionamos uma boneca de tecido, também chamada Lelê, que ficou na escola. As crianças desenharam e pintaram os olhos, a boca e o nariz e colaram os cabelos na linda boneca Lelê. Todos os materiais construídos, durante nossa pesquisa, foram em relevo. Por fim, realizamos uma exposição de todos os materiais utilizados e confeccionados pelas crianças durante os momentos vividos no presente estudo. Como nos fiz Vygotsky¹⁹ “o melhor estímulo para a criação artística infantil consiste em organizar a vida e o contexto social das crianças de tal modo que crie a necessidade e a possibilidade da criação infantil”.

O momento da exposição foi muito rico e significativo, pois as crianças puderam ver todos os materiais utilizados e confeccionados por elas durante nossa pesquisa. E o mais significativo, demonstraram por meio de diálogos e atitudes o desenho de continuar desenvolvendo atividades artísticas e a necessidade de respeitar as diferenças.

Considerações finais

Diante da pesquisa realizada, podemos perceber que, por meio das atividades artísticas, os alunos cegos assimilam os conteúdos trabalhados com mais facilidade e de forma prazerosa. O ensino artístico envolvendo a música, o desenho, a pintura, a dança, o teatro, entre outros, se torna essencial na educação das crianças com ou sem deficiência. A partir do presente estudo que envolveu atividades artísticas de musicalização, desenho, pintura, dança e colagem foi possível perceber que as crianças cegas necessitam de tais atividades para melhor se interagirem com o mundo e com os outros. Através de atividades artísticas trabalhadas em sala de aula, podemos compreender o modo como cada criança cega cria, reproduz e expressa seus anseios e suas alegrias.

Em suma, o ensino, utilizando atividades artísticas, não deve ser negado aos alunos com deficiência visual, cegos ou baixa visão, só porque possuem a visão comprometida, pois esses alunos são capazes de aprender, reproduzir e criar através dos demais sentidos remanescentes: o tato, o olfato, o paladar e a audição. Cabe aos educadores possibilitar aos seus alunos com ou sem deficiência o acesso ao conhecimento, instigando-os a desenvolver o fascinante e fecundo mundo da criatividade.

Bibliografia

Alexandrino, Vanessa da Cruz e Aquino, Fabiola de Sousa Braz. “Análise das concepções de profissionais da educação sobre o desenvolvimento infantil: um estudo em creches de uma cidade da Paraíba Brasil”. Vol: 31 num 2 (2018): 85-99.

¹⁸ Lev Vygotsky, Semenovitch, Imaginação e criatividade na infância (Portugal: Dinalivro, 2012), 108.

¹⁹ Lev Vygotsky, Semenovitch, Imaginação e criatividade na infância...

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF. 1998.

Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação Inclusiva / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília, MEC, SEB. 2014.

Gil, Marta. Deficiência visual. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação à distancia. 2000.

Fernandes, Solange Hassan Ali, “Educação Matemática Inclusiva: adaptação x construção”. Vol: 1 num1 (2017): 78-95.

Kaercher, Gládis E. E por falar em Literatura. In: Craidy, Carmem Maria; Kaercher, Gladis Elise P. da Silva. Educação Infantil: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed. 2001.

Ludke, Menga; André, Marli. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária. 1986.

Pereira, J. L. C. e Costa, M. da P. R. “O aluno com deficiência visual em sala de aula: informações gerais para professores de artes”. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos: UFSCar, Vol: 3 num 1 (2009): 89-99.

Rodrigues, Willian Costa. Metodologia Científica. FAETEC/IST. Paracambi. 2007.

Sant’Anna, Maria Madalena; Eduardo José Manzini; Dilmeire Sant’Anna Ramos Vosgerau; Vera Lúcia Messias Fialho Capellini; Luzia Iara Pfeifer. “Desafios dos professores na mediação das brincadeiras de crianças com necessidades educacionais especiais na educação infantil”, Revista Portuguesa de Educação. Vol: 31 num 2 (2018): 100-114.

Vygotsky, Lev Semenovitch. Imaginação e Criatividade na infância. Lisboa: Dinalivros. 2012.

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad
y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista MAHPAT**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo
debe hacerse con permiso de **Revista MAHPAT**.